



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA

MONICA JACIENE DE SOUZA DO NASCIMENTO

**DA PEDAGOGIA DO DIÁLOGO: AÇÕES EDUCATIVAS NO MOVIMENTO DE
PEQUENOS AGRICULTORES
AREIA -PB**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

MONICA JACIENE DE SOUZA DO NASCIMENTO

**DA PEDAGOGIA DO DIÁLOGO: AÇÕES EDUCATIVAS NO MOVIMENTO DE
PEQUENOS AGRICULTORES
AREIA -PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado A curso de Licenciatura Plena
em Historia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de graduado

Orientadora: Profa.Dra. Patrícia Cristina de
Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB

2011

N244p Nascimento, Monica Jaciene de Souza do
Da Pedagogia do diálogo [manuscrito]: Ações educativas no movimento de pequenos agricultores Areia – PB. /Mônica Jaciene de Souza do Nascimento. – 2011.

41f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História”.

1. Movimento dos Pequenos Agricultores 2. Ação Educativa. 3. Educação Informal. I. Título.

21. ed. CDD 551.307

MONICA JACIENE DE SOUZA DO NASCIMENTO

**DA PEDAGOGIA DO DIÁLOGO: AÇÕES EDUCATIVAS NO MOVIMENTO DE
PEQUENOS AGRICULTORES
AREIA -PB**

Aprovado em: ____ / ____ /2011

Patrícia Cristina de A. Araújo

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
- Orientadora –
(DH/CEDUC/UEPB)

Profa. Ms. Maria Giseuda Limeira
-Examinadora –
(DH/CEDUC/UEPB)

Zélia Maria de Arruda Santiago

Prof. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago
-Examinadora –
(DE/CEDUC/UEPB)

CAMPINA GRANDE – PB
2011

DEDICATÓRIA

Dedico a realização deste trabalho (in memória) a Raul Ribeiro do Nascimento e Laura de Souza do Nascimento, que foram sempre conforto, refúgio e exemplo para toda minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas os sonhos realizados, todas as maravilhas que me proporcionou, e a todos os caminhos que me capacitou a enfrentar sempre confiante no final feliz e ainda mais, por se fazer presente em minha vida, conduzindo-a por caminhos iluminados. Por me dar forças durante os momentos em que pensei que teria que desistir, mas cujos verdadeiros milagres derrubaram barreiras e me fizeram avançar na estrada da vida.

A papai (in memorian) Raul e mamãe Laura os meus pais, , agradeço, infinitivamente, por todo amor, carinho, dedicação e educação, ofertados ao longo de minha vida. Nunca esquecerei as renúncias feitas e as dificuldades transpassadas, tudo para que o nosso sonho pudesse se tornar realidade.

Aos meus irmãos, Ana Paula, Priscila, Mateus, Felipe, Hermane, Daniel, Ricardo, Sarah, Gabriela, Natália e Cinthya, pelo companheirismo, amizade e carinho.

A todos meus familiares, que direto ou indiretamente me apoiaram, principalmente, aos meus primos queridos: Itamine, Imperiano, Raul jaison, laurinha, lauriza e Ramon, que tanto amo.

A minha querida madrinha Maria Enilda ,vovó e minha cunhada querida Andreia.

Aos meus amigos que tanto torceram pela realização deste trabalho: Dani, Eliene, Lielia, Alcione, Monica, Célia, Lidiane, John, Stefanny,

A minha orientadora, pela paciência e dedicação: Prof^a Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araujo.

A Banca examinadora, por terem aceitado participarem da realização deste sonho: Prof^a Dr. Zélia Maria de arruda Santiago e.Prof^a MS.Maria Giselda lima

Aos professores do curso de História, cujos ensinamentos foram essenciais para minha trajetória acadêmica, guardarei para sempre cada um de vocês em meu coração.

Aos meus amigos que conquistei durante a minha estadia na cidade de Guarabira. Obrigado pelo companheirismo e carinho, em especial, Marcilene, Giully, Íria Linny, Silvania, Rosberg, Ewa Wilma, Eduardo e Bruna Oliveira.

Aos amigos que cativei em toda minha trajetória acadêmica em Campina Grande. Meus sinceros agradecimentos aos meninos que fizeram todos rirem com suas resenhas: Ítalo, Claudielhi, Rafael, Thiago Silveira, Thiago Macêdo, Nestor, Joanito, Marcelo, Adriano, Keine, Everaldo e Helder. As meninas por todas às vezes que me ajudaram e me apoiaram nas horas difíceis não só na vida estudantil, mas também na vida pessoal, minha eterna gratidão à Nathaly, Kelly, Roberta, Samyra, Renali, Amadélia e Francimeire.

Aos amigos que conquistei através do CEDUC: Bruno Gaudêncio, Liélia, Eraldo, Emerson, Alexandre, Anderson Wagner, Júlio César, Williams, Eptácio, Dona Bernadete e Socorro.

Em especial as pessoas que confiaram, acreditaram e apoiaram esse trabalho, o meu muito obrigado a Ricardo dos Santos Pessoa, Conceição Cristina Pereira dos Santos (ATES/ProJovem Campo/GOIESC/PB Setor de Educação do MPA/PB), Francisca Paulina da Conceição Gonçalves (Coordenação Estadual do MPA/PB Coordenadora da EJA/PB)

A todos meus sinceros agradecimentos!

RESUMO:

Este trabalho faz uma abordagem sobre a educação não-formal realizada no âmbito do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) na Comunidade Santa Maria localizada no município de Areia-PB. Situamos o nosso objeto de estudo nas reflexões construídas a partir da função social da educação e sua ação educativa onde partimos do campo teórico-metodológico da História Social. Como objetivo trabalhamos com a contextualização MPA, centrado na luta pela melhoria da educação no campo, no sentido de mostrar como no contexto do movimento, este desenvolve uma concepção da educação informal, quais suas propostas, e perspectivas. Utilizamos como pressuposto teórico GOHN, (2009), FREIRE (2004), FORTES (1995) e CALDART (2002), para discutirmos esta proposta educacional. Nossa abordagem metodológica está centrada nos preceitos da história oral temática, buscando entender a partir desta a fala dos membros do movimento em relação à educação e para isso recorreremos ao uso de questionário. São atendidos na comunidade Distrito Santa Maria. Os resultados nos permitiram entender que através de sua ação educacional, o MPA assegura que o professor e os alunos tenham uma formação centrada na busca de melhorias sociais a partir de um processo educativo, conscientizador, contextualizador e problematizador de suas vivências e experiências sociais.

Palavras-chave: Movimento dos Pequenos Agricultores, Ação educativa. Educação Informal.

ABSTRACT:

This work is an approach to non-formal education activities undertaken under the Small Farmers Movement (MPA) in Santa Maria Community in the municipality of Areia, Brazil. Situate the object of our study built on the reflections of the social function of education and its educational activities where we start from the theoretical and methodological work of history with the goal Social. Como MPA background, centered on the struggle for improved education in the field, order to show how the context of the movement, it develops a conception of formal education, what their proposals, and prospects. We use as theoretical assumption Gohn, (2009), Freire (2004), STRONG (1995) and Caldart (2002), to discuss this educational proposal. Our methodological approach is centered on the principles of oral history theme, seeking to understand this speech from members of the movement in relation to education and to resort to the use of this questionnaire. District are served in the community Santa Maria. The results allowed us to understand that through its action in education, the MPA ensures that the teacher and students have a focused training in the pursuit of social improvement from an educational process, raise awareness, contextualizing and problematizing of their experiences and social experiences.

Keywords: Movement of Small Farmers, Educational Action

SUMÁRIO

Introdução	p.10
2. Educação não formal: reflexões sobre o papel educativo do MPA	p.16
2.1- Formação do MPA: uma abordagem histórica	p.18
2.2- Papel educativo do MPA Movimento dos Pequenos Agricultores	p.20
2.3 Localização do distrito Santa Maria	p.21
3. Educação Não formal e suas potencialidades: ações educativas do Movimento dos Pequenos Agricultores	p.23
3.1 Propostas da educação: educação básica e as práticas não formais	p.26
3.2. Pedagogia do movimento sem-terra: propostas e ações	p.27
Considerações Finais	p.35
Referências Bibliográficas	p.38
Anexos	p.42
Apêndices	p. 43

Introdução

Este trabalho discute sobre a prática de educação não formal elaborada e realizada no contexto do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), a fim de promover uma reflexão e observar como as práticas educativas são empreendidas.

Objetivamos em nosso estudo mostrar como no MPA existem formas e modos de promover não apenas a construção de saberes pelos indivíduos, mas, apreciar o questionamento sobre seus direitos e deveres. Deste modo, evidenciamos que educadores formados dentro dos parâmetros do movimento trazem ao ambiente da sala de aula questionamentos que permitem enfatizar questões sociais e políticas sobre suas condições de vida e trabalho.

A proposta deste trabalho é enfatizar como a educação não-formal é realizada com adultos no contexto do movimento MPA. Neste sentido, a proposta da educação não-formal é fruto de uma perspectiva da sociedade civil realizada na comunidade Santa Maria, localizada no município de Areia-PB, desempenhada por um membro do MPA, movimento que está preocupado com a elaboração de uma educação que atenda a necessidade de alfabetização do homem e da mulher do campo. Esta educação é realizada no campo através do projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos), o qual traz a possibilidade de problematizar o processo de educação dos camponeses no sentido de capacitar e melhorar a forma como deve ser feita a educação no campo, numa perspectiva que busca não alfabetizar sistematicamente. Mas, torná-los indivíduos críticos das suas condições de vida e de seus direitos.

De acordo com Vitorino (1998) a experiência individual de cada pessoa pode ser acumulada durante os anos, no período em que os sujeitos do campo permaneceram fora da escola. Nos casos em que as experiências são semelhantes podem constituir uma coletividade. De tal modo que, a ausência da escola individualmente, pode ser em conjunto, considerada coletiva, e neste

sentido, tais experiências estão pautadas na deficiência e ou soma de acontecimentos que envolvem a maioria. Que podem se espelhar nestas experiências individuais e tornado-as coletivas para atender a um objetivo que inclua a maioria, neste caso é a proposta educativa que os une, e este pode ser uns dos seguimentos que pode os tornar homogêneos, no tocante a falta da educação na sua infância.

Utilizamos dentro do texto as considerações de Muller (2008), a partir dos estudos da história social da educação, com Bertucci e Faria Filho (2009), pretendemos enunciar que a educação tem em sua elaboração e atuação social na escola, pois ,esta *“funciona como uma instituição que produz, divulga e legitima identidades, competências e modos de vidas, ao mesmo tempo em que deslegitimam outras”*, (BERTUCCI e FARIA FILHO, 2009; p.19).

Considerando a escola como uma das agências formadoras de sujeitos, que pode muitas vezes causar consequências nas sensibilidades e habilidades para sua atuação no mundo social, esta pode ser entendida como produto de uma sociedade moldada, em diferentes graus, por uma gama extensa e variada de sujeitos sociais.

Nosso trabalho se verificou na comunidade do Distrito Santa Maria numa turma de adultos, os quais não foram alfabetizados durante a sua juventude, na década de 70, momento histórico em que ainda não havia uma preocupação com a educação de homens e mulheres do campo. Como eles estavam ocupados nas plantações de cana de açúcar, neste período, a educação quase não existia em suas práticas cotidianas.

Mesmo em idade escolar, estes homens e mulheres, trabalhavam na plantação de cana-de-açúcar, pois esta era a atividade que sustentava toda a economia da comunidade. Neste contexto, os estudos quase não tinham finalidade para estes sujeitos, pois eles trabalhavam para ajudar na manutenção da casa. No momento atual, muitos jovens da comunidade estão freqüentando a escola, de modo que este tempo da escola é importante no aprendizado deles,

pois de acordo com Bertucci e Faria Filho (2009) estão agora freqüentando a escola e estão vivendo outro tempo.

Do mesmo modo, o tempo escolar é sempre uma negociação da escola com os sujeitos que a freqüentam e a constituem. Dessa forma o encurtamento ou o alargamento da permanência na escola, por exemplo, não podem ser vista apenas como o resultado da ação dos imperativos escolares, mas também como uma forma como os alunos e as suas famílias interpreta (BERTUCCI e FARIA FILHO, 2009. p.19).

Ao freqüentar a escola, no âmbito do movimento, estes sujeitos começaram a experimentar o aprendizado escolar como um espaço de diálogos entre alunos entre si, alunos e professores, o que corresponde na educação informal, à produção e melhoramento no processo de aprendizado, que hoje os levam ao processo de escolarização com mais vontade, adquirido na subjetividade da busca do aprendizado do tempo perdido. Como se fossem recuperar aquilo que deveria ter sido aprendido em tempos anteriores, (VENDRAMINI, 2006) e (FORTES 2007).

Trabalhamos educação não formal na perspectiva de (GHON, 2009), quando a mesma faz uma abordagem sobre as diversas caracterizações desta maneira de educar, sejam no campo ou na cidade, e em sua maioria com um caráter assistencialista, auxiliando a educação básica, e ou dependendo do caso assumindo este papel. A partir de Hall (2000), trabalhamos com o conceito de identidade para entender as identidades construídas no interior do movimento. Em Caldart(2004),trabalhamos com foco na pedagogia elaborada nos movimentos sociais e nos ancoramos em Aranha(1997) e Fortes (1995), a partir das considerações sobre história social.

Pensando o MPA no contexto da historia social, podemos percebê-la como um campo que oferece aporte teórico e metodológico para uma interpretação sobre o movimento, a qual tem seu surgimento com a crise vivenciada na década de 60, no âmbito político e econômico, momento este que possibilitou debruçar-se sobre o pensamento e que fornecesse bases a uma transformação social evoluída do modelo marxista.

Essas inovações levaram E. P. Thompson e um grupo de estudiosos pautados no campo das ciências humanas e sociais a saírem do Partido Comunista e construírem um movimento de vanguarda conhecido como uma Nova Esquerda reunidos em comum contra o reducionismo dos Stalinistas, o conservadorismo de esquerda e a classe elitista. Desta forma, estamos nos baseando nos seus conceitos sobre a experiência dos indivíduos em favor de uma nova proposta de apreciação da cultura e principalmente sobre as suas manifestações ideológicas, experimentando a dinâmica da experiência escolar os torna unidos na busca de um aprendizado comum.

Na acepção de Fortes (1995) a História Social desenvolvida na Inglaterra pelos neo-marxistas procurava reformular os conceitos já estabelecidos de base social e histórica, podendo ser reelaborados de acordo com os costumes e experiências apreendidas no cotidiano. Paralelamente, na França temos a história cultural que fornece a base de abordagem de fontes para esse propósito de estabelecimento de novos olhares sobre a sociedade.

Outro fator que impulsionou a estas divergências foi a denúncia dos crimes de Stalin que chocaram alguns intelectuais devido à forma como este agiam dentro de um movimento que era caracterizado pela igualdade, e que todos seriam iguais perante ele, seria difícil entender e também aceitar que atitudes assim fossem tomadas.

Estes aspectos foram alguns dos fatores que juntos provocaram o turbilhão de inquietações, enunciando a instigação e vontade deste grupo de debates histórico e social, que se formou na Inglaterra, em fazer uma releitura sobre a sociedade e as suas condições, que colocaram as bases culturais para entender as questões sociais, que não mais se reconheciam nas propostas do Partido Comunista.

Segundo Munhoz (1994), este é o momento em que intelectuais como Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart saíram do partido fundando outro movimento, que mais tarde seria denominado de “Nova Esquerda”

reunida contra o dogmatismo e reducionismo de Stalin, e é a partir disso que situamos a nossa pesquisa pensando que a história social deixa seu legado para os historiadores de maneira que as suas contribuições podem ser trabalhadas na compreensão e elaboração dos movimentos sociais.

Como metodologia, abordamos os seguintes procedimentos: buscamos na comunidade pesquisada, localizada no distrito de Santa Maria em Areia-PB, a maneira como funcionava a educação de jovens e adultos, deste modo realizamos entrevistas com professores, que têm conhecimentos sobre os parâmetros de uma educação no campo de acordo com a valorização de cada indivíduo.

Como fontes de pesquisa, utilizamos o Caderno Pedagógico do MPA, entrevistas, com o professor e líder e questionários com os alunos. Portanto os sujeitos que fizeram parte de nossa pesquisa foram: um professor, a líder e coordenadora do movimento na Paraíba e com coordenadora da área de educação. A coleta de dados bibliográficos e das entrevistas foram baseadas na história oral que nos permite ter acesso a organizações que consolidavam a comunidade, com ênfase a história oral temática. Esta nos permite que o conhecimento, através das falas, seja visualizado tendo em vista procurar mostrar importância e relevância dos mesmos para estudos relativos à educação.

A metodologia baseada na história oral, com entrevistas com o professor, líder e alunos que são direcionados pelo MPA, e questionários com os alunos, foi difícil, pelo fato das pessoas estarem prontas a participar, os alunos ainda possuem muita dificuldade na prática da escrita, e apresentam timidez para se expressar oralmente.

Fizemos uma revisão bibliográfica dos conceitos como: experiência, movimentos sociais e educação informal dentro da perspectiva de autores que trabalham neste viés. Neste espaço, refletimos sobre a história social dos anos 60, abordando a relevância de Thompson e a sua formação mais voltada para o indivíduo e os aspectos culturais, e a sua contribuição na elaboração da visão dos movimentos sociais, pois a partir de seus estudos sobre a formação da classe

operária inglesa, tivemos recurso para analisar o conceito de experiência nos trabalhadores do MPA.

No I capítulo, fizemos uma abordagem da educação no MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) e a preocupação que estes elaboram os seus projetos com relação à educação dos camponeses, e um breve comentário sobre a comunidade pesquisada.

No II capítulo, falamos sobre a proposta da educação não formal, e a sua atuação dentro das perspectivas e necessidades dos alunos.

Mostramos neste trabalho as possibilidades que são extraídas da tarefa educacional, em que queremos destacar que em educação existem processos indissociáveis, o primeiro é o ato de educar no que se refere a transmitir o saber proposto no conteúdo programático. E o segundo, baseado na educação não formal traz a possibilidade de fazer desabrochar e desenvolver nesses indivíduos dentro da tarefa educacional o estímulo, voltados para os assuntos socialmente relevantes, o compartilhamento das suas vivências nesta perspectiva.

Desse modo, tão importante quanto à transmissão de conhecimento e experiências socialmente acumuladas é o estímulo ao desenvolvimento das competências e habilidades de cada aluno, visando acrescentar a sua capacidade de aprender a conhecer.

2. Educação não formal: reflexões sobre o papel educativo do MPA

Neste capítulo discutiremos sobre a trajetória de homens e mulheres do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) na construção histórica do MPA, temos como enfoque a maneira como a educação é utilizada como veículo informativo utilizado no âmbito do espaço rural. Partimos inicialmente da construção histórica do MPA, e a relação que este consolida em busca das diretrizes educacionais no contexto do movimento com a educação informal é representada pela no que se refere à educação popular na perspectiva não formal analisada como veículo informativo proposto no MPA. Inicialmente abordaremos sobre antecedentes históricos, mostrando como seu crescimento está relacionado à luta pela educação.

Nosso trabalho se situa no campo da história social e partir dela mostramos o MPA, as transformações no âmbito dos movimentos sociais do Brasil. Neste capítulo, falaremos do seu surgimento, trajetórias e como é construção educativa do movimento, às suas propostas internas e a proposta da educação no campo.

Os movimentos rurais de camponeses foram tornando-se espaços de discussão da condição de vida no campo e da ausência de assistência do governo neste seguimento da população brasileira. Inquietações que expressam estratégias a luta em face da realidade social da época, na qual os participantes de movimentos sociais tinham uma abordagem ancorada na reforma agrária. Segundo Morissawa (2001), após o golpe militar modelo de governo intensificou ainda mais a pressão em relação aos movimentos sociais no Brasil, que levou ao aniquilamento das ligas camponesas em 1964, que tinha entre os seus propósitos de ação a pauta da reforma agrária. Que consistiu na luta pela distribuição de terras entre as famílias de agricultores.

No contexto da década de 70, a modernização dos meios de produção do campo e a inserção das máquinas no processo da agricultura, gerou desemprego e a busca das grandes cidades como uma nova perspectiva de vida. Outro fator que veio a incentivar a expulsão de trabalhadores do campo foi à construção de grandes hidrelétricas, estas foram responsáveis pela expulsão de muitos agricultores de suas terras, levando essas pessoas a migrarem para as fronteiras agrícolas localizadas em Rondônia, Pará e Mato Grosso.

Neste período, ainda segundo Morissawa (2001) já existia o Estatuto da Terra em favor do homem e da mulher do campo e que estes encontravam-se assegurados. Mas, inicialmente teria a finalidade de elaborar leis que favorecessem os pequenos agricultores e os mantivessem trabalhando na terra e na manutenção da agricultura do país.

No entanto, as leis que deveriam exercer essa finalidade foram direcionadas a beneficiar os grandes produtores. Observamos que este estatuto não funcionou como os agricultores esperavam, pois os indivíduos que estavam à frente do governo abordaram questões que beneficiaram principalmente os grandes latifundiários situados no sul do país.

No campo, a introdução da máquina acabou tomando a função de elaboração e produção de alimentos nas grandes propriedades e a ausência de recursos levou muitos agricultores a migrarem em busca das grandes cidades. Estas mudanças foram bruscas e provocaram quebra na rotina e no cotidiano destes trabalhadores que migraram para as regiões sul e sudeste.

Além destes aspectos, a não familiaridade com a agricultura extensiva, levou muitos trabalhadores a se conduzirem ao garimpo, extração de madeiras e pecuária extensiva, esta última era financiada por incentivos fiscais do governo federal através de grandes empréstimos concedidos. Percebemos uma expansão do movimento, contemplando tanto os engajados na luta como trabalhadores no país inteiro. Outro grupo foi chamando de antemão para a carência de políticas públicas.

Neste momento, década de 90 no Brasil, houve queda nos preços dos produtos da base de sustentação econômica dos pequenos agricultores, abrindo mais espaço para a circulação de mercadorias importadas dentro do país, e exportação facilitada para os produtos de grandes latifundiários, como por exemplo, a cultura da soja, que nem sequer é parte do cardápio do brasileiro e mesmo assim, nosso país é o maior produtor do mundo desse grão. Assim há uma mecanização da agricultura, excluindo os trabalhadores de seu lugar de origem e também sua função, que era produzir alimentos de primeira necessidade, numa prática mais conhecida como agricultura de subsistência.

2.1 Formação do MPA: uma abordagem histórica

O movimento dos pequenos Agricultores (MPA) se propõe resgatar a identidade, construída nos modos de vida e valores das populações e regiões do Brasil, sua forma de luta levou o movimento a se espalhar pela maioria dos estados brasileiros, caracterizada pela falta de um projeto de desenvolvimento para a agricultura camponesa. Despertar e organizar seu potencial e assumir coletivamente uma proposta de mudança. Desta forma para (Santos e Gonçalves, 2011):

A organização também parte dos princípios e valores, respeitando as diferenças e estimulando o povo a lutar por benfeitorias aos pequenos produtores de terras. Nesta ótica, seus princípios se fundamentam na dignidade e no respeito recíproco; na organização dos camponeses em grupos de base; na produção de alimentos saudáveis; numa direção coletiva e não autoritária; na articulação política e solidária, lutando por interesses sociais; na orientação socialista; na autosustentação, avaliando e planejando processualmente as atividades. (SANTOS e GONSALVES, 2011, p. 2)

O projeto do MPA se caracteriza pela produção de comida saudável para alimentar o povo brasileiro respeitando quem produz, quem consome e a própria terra. Seu principal embate é inicialmente com o agronegócio, o latifúndio, que fazendo parte do capitalismo, explora visando apenas o lucro. Este torna comum e sua história, suas propostas, suas lutas e suas vitórias. Além disso, convida os militantes para um compromisso com a causa camponesa.

Nas crises vividas pela sociedade brasileira, os camponeses sempre reagiram, enfrentando as dificuldades econômicas, como a falta de políticas agrícolas para os pequenos agricultores, com organização e luta. E nesta reação, alcançando conquista, criaram uma forma de organização diferente dos tradicionais instrumentos sindicais.

O MPA teve rápida aceitação e avançou para muitos estados do país porque conquistou a confiança dos camponeses, trazendo resultados concretos, envolveram as pessoas nas lutas, como sujeitos de suas próprias conquistas. De acordo como o Caderno Pedagógico (2006).

Depois de alguns anos de caminhada, o MPA foi firmando uma marca, a qual está expressa nas suas marchas, nas suas bandeiras de luta, nas suas palavras de ordem, na sua mística e nos seus símbolos. É um movimento camponês, de caráter nacional e popular, de massa, autônomo, de luta permanente, cuja base é os grupos de família organizados. Produz comida saudável para alimentar a sua família e o que excede é vendido nas feiras do país. Busca o resgate da identidade e da cultura camponesa, respeitando as diversidades regionais junto com os outros setores da sociedade está comprometido pela vontade da militância e melhorar a situação da classe camponesa. (CADERNO PEDAGOGICO, 2006, p.25)

Deste modo, o nome MPA surgiu no Rio Grande do Sul, no final de 1995 e início de 1996, a partir da ação de um grupo de famílias camponesas. O estopim foi a angústia diante da seca que ameaçava a perda total das plantações. A razão foi à política dos sindicatos, que *negociavam acordos* que nunca traziam soluções. Nessa mobilização da seca, apareceram dois modos de ver a luta: um grupo da família optou pela via do acordo e outra parte preferiu a pressão. Ai germinou o MPA.

Nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1996, foram organizados cinco (5) acampamentos de secas, com mais de 25.000 pessoas. A pressão inicial era para conquistar um crédito emergente, mas os camponeses descobriram que a raiz do problema era bem maior. Por isso, expandiram para uma luta, objetivando permanecer na terra, para exigir uma nova política agrícola, crédito subsidiado, seguro agrícola e um novo projeto para a agricultura camponesa.

Esta luta mostrou também que certas diretorias sindicais não acreditavam na mobilização. Preferiam ficar nos limites de seus municípios, na burocracia dos acordos, cuidando da previdência e da contribuição sindical.

Esta experiência se juntou ao que já existia de luta e organização em Rondônia e Espírito Santo, daí começou a expansão em todo o país.

2.2 Papel educativo do MPA Movimento dos Pequenos Agricultores

De acordo com a reflexão e a construção da educação camponesa, a qual percebe o professor como formador de sujeitos, que lutam pelos interesses políticos da ordem moral e social que defendem:

A concepção de movimento social tem base de sustentação à formação política dos indivíduos que a partir de sua conscientização passaram a assumir papel de sujeitos. Que fazem história, que conhecem o mundo, que lêem o mundo com novos olhos (GARCIA 2006; p. 26).

Em meio a tantas inquietações destacamos a função dos educadores que são pessoas ou entidades que, estando junto aos movimentos populares, incentivaram uma metodologia participativa, as experiências de produção agro ecológica, a necessidade do planejamento e da avaliação, a importância do debate e incorporação das relações de gênero, a exigência da participação da família e a formação política e técnica da militância.

Por volta de 2004, o Movimento na Paraíba implantou um Projeto Piloto na área de educação, a Educação de Jovens e Adultos através do Programa Brasil Alfabetizado, onde conseqüentemente o setor de educação responsabilizou-se pelas formações continuadas de educadores/as das pequenas comunidades rurais, como também Assentamentos da Reforma Agrária (SANTOS e GONSALVES, 2011; p.3)

Proporcionando aos que permaneciam no campo e lidavam com as dificuldades encontradas contra a pequena produção, começaram a perceber a luta sindical como meio para se conseguir projetos e leis que atendessem a estes camponeses, especialmente na área da educação, previdência e saúde.

2.3 Localização do distrito Santa Maria

A cidade de Areia, localizada na serra da Borborema, a qual, inicialmente foi chamada de Buxaxá, depois brejo de Areia, um município criado em 1815, sendo instalado em 1818, elevado a categoria de cidade em dezoito de maio de 1846. Representada em alguns momentos da história da Paraíba como berço cultural, “ao sediar escolas pedagógicas de fonte mística, escolas literárias, artesanais, filosóficas e políticas de influência regional” (ATUALIDADE POLÍTICA EM AREIA, apud ALENCAR, 2007; p. 239).

De acordo com Alencar (2007), a cidade que durante o ciclo da cana de açúcar obteve muito destaque na cultura, como também com personalidades importantes no âmbito político, grêmios abolicionistas, inauguração do primeiro teatro da Paraíba (teatro Minerva-1839) criação da (EAN-Escola de Agronomia do Nordeste-1934). Sendo escolhida por estrangeiros para morarem devido ao clima frio, e também por oferecer formação superior. Também a educação básica Grupo escolar Álvaro Machado (onde estudavam os meninos) e o colégio Santa Rita (onde estudavam as meninas).

Então podemos perceber que na cidade havia uma preocupação em construir espaços de saberes, proporcionando a estes indivíduos a participação do auge cultural que a cidade estava vivendo. E com relação ao espaço rural, não houve investimento na educação com a mesma intensidade, que no espaço denominado “Usina Santa Maria” não era neste momento um espaço de aprendizado empírico, e sim um espaço de trabalho. Os colégios da cidade existiam, mas necessitavam de condições financeiras para se poder frequentar, não podemos definir cada situação particular que excluiu estes camponeses da escola.

Pois com relação a este meio não encontramos referencias sobre escola e sim sobre os aspectos econômicos que se sobressaiam. Para (ALENCAR, 2007, p.240): “Com muitos engenhos de rapadura, prosperas culturas de agave ou sisal,

uma usina de cana de açúcar, sua economia recebia a injeção do número de alunos que a EAN (Escola Técnica do Nordeste) fazia circular na cidade.”

A Usina Santa Maria está localizada na rodovia que dá acesso ao município de Pilões, margem direita. Visto que foi a única Usina da cidade até a atualidade, que teve condições de empregar uma grande quantidade de mão-de-obra, alguns jovens sem qualificação buscavam trabalho antes de completarem a maior idade, isso porque talvez fosse um ponto de referência numa comunidade sem meios de diversão, e sem incentivos à educação.

Não encontramos referências diretas em livros sobre a comunidade, apenas relatos orais de pessoas que trabalharam na Usina. Sabemos atualmente que esta não funciona mais, suas terras continuam sendo ocupadas pelos moradores que nela residiam, sua economia não é mais a cana de açúcar, e sim a bananeira, com uma produção crescente, a qual é vendida em outros estados, como por exemplo, no Rio Grande do Norte em feiras livres. Atualmente possui uma escola de ensino fundamental, Jose Lins Sobrinho, localizada no centro da comunidade.

3. Educação não formal e suas potencialidades: ações educativas do Movimento dos Pequenos Agricultores

Diante da forma como vem se desenvolvendo os projetos de educação ditos como informal, nos estabelecemos para além do âmbito escolar, e neste sentido em nosso trabalho sugerimos rever o conceito de educação ampliando a sua atuação a partir do foco centrado nas proposições de uma educação para além da escola.

Ressaltar que em nosso trabalho a educação informal está preocupada em direcionar, construir, rediscutir os questionamentos sobre os assuntos relativos a contemporaneidade. Educação na qual quem ensina também aprende, isto de acordo com compartilhamento de experiências, pois este tipo de educação com estas características tem raízes na pedagogia da autonomia de Freire (2004).

O ato de educar está além do ambiente escolar, não ficando restrito também só ao ambiente familiar, quando este grupo social ensina aos filhos sobre comportamentos e atitudes no campo social. Neste trabalho percebemos a possibilidade de educar em todas as relações entre indivíduos, sendo apenas feitas algumas restrições sobre o que é positivo ou não na formação de cada sujeito, cabendo a estes separar aquilo que lhes acrescenta, pois existem vários meios educativos presentes na nossa sociedade. Isto é importante deixar evidente em nosso trabalho porque estamos aderindo à idéia de que a educação não está completamente ligada à escola.

Sendo assim esta prática pode ocorrer no contexto do movimento dos pequenos agricultores, no sentido pertinente de desestabilizar esta construção histórica ligada apenas a escola. Diante disso, em consonância com Moura Zuchetti (2006):

Proporcionar a emancipação cidadã dos sujeitos envolvidos na multiplicidade de possibilidades da dimensão política transformadora trata-se de uma “educação não-escolar”, percebemos que práticas e experiências adquiridas exteriores à escola podem ser fundamentada no caráter formal das suas atividades sócio educativas, (ZUCHETTI, 2006; p. 229)

Dessa forma, o educador social pode atuar de diferentes formas nos setores sociais em desequilíbrio, pois, além de procurar meios de solucionar determinados problemas internos, também procura atuar prevenindo os desequilíbrios sociais, que podem excluir algumas pessoas de alguns processos da vivência que estamos acostumados como é caso da educação, que aqui está pautado entre urbano e rural.

Os educadores que atuam baseados na pedagogia Social, segundo Zuchett (2006) esta é uma perspectiva transdisciplinar, pois, mesmo que esteja ensinando muitas disciplinas ao mesmo tempo, é preciso ter como ponto de referência um olhar observador e reflexivo sobre as práticas educativas, buscando intervir e encaminhar debates que nem sempre estão nos conteúdos programados, ou seja, aqueles que estão presentes no cotidiano.

Dessa forma, nos pautamos numa educação em que são articulados os saberes comuns aos educandos, que estes são transmitidos em ambas as partes envolvidas. Acrescentamos que, a todas essas experiências cotidianas são acrescentadas o conhecimento da educação formal.

Acreditamos como que educadores, devemos adicionar à educação os valores afetivos que favorecem a emergência de uma cultura da solidariedade não apenas com a população do campo, mas em qualquer espaço, sendo fonte de esclarecimento em que se possa adotar uma ética do cuidado com os alunos.

Baseados em Arroyo (1998) e articulando a proposta da educação no contexto do MPA podemos dizer que este tipo de educação está preocupada com melhorias no âmbito social, pois está discutindo objetivos de educação no campo e para o campo e possibilidades de adaptar os conteúdos, os calendários e o material didático às condições de vida no meio rural, assim, a educação direcionada para o campo é tratada como um aspecto singular daquela presente no espaço urbano, é que ela deve ter o propósito de dar continuidade a base do aprendizado dos homens do campo.

Baseados nos registros dos fatos históricos, como conhecimento de toda a riqueza sociocultural que existe nas comunidades rurais relacionadas à resistência em articularem suas idéias em torno dos seus interesses comunitários, que chamamos atenção a função do educador rural, fortalecer estas idéias adquiridas no campo em suas abordagens na sala de aula. Pois para Arroyo:

Esses educadores e os movimentos de que fazem parte estão atentos, sensíveis as dimensões culturais e identitárias que esse movimento cria e anuncia tentam construir uma educação básica que dê conta desse movimento social, cultural e identitário (ARROYO 1998; p.8).

Segundo Arroyo (1998) o educador, nesta perspectiva, trabalha na perspectiva de questões que incomodam aos membros do movimento, como o direito à terra, ao trabalho, à educação, à cultura e a dignidade como seres humanos. Dessa forma, o professor que atua na zona rural não pode ser aquele desqualificado, este precisa atender a pressupostos do seu cotidiano, que conheça o conjunto de práticas e valores do povo do campo, podendo atender aos seus interesses num projeto de desenvolvimento que esteja dentro das condições de cada comunidade.

Por isto, movimentos sociais como o MPA precisam elaborar projetos que estejam de acordo com os empenhos dos membros das comunidades atendidas pelo movimento, e a partir disso, procurar meios dentro da política interna reverter à falta de políticas públicas educacionais centradas na construção de um novo debate sobre o campo. Uma forma também de fiscalizar as políticas assistencialistas, é atualizando projeto de desenvolvimento para o campo, para as pessoas de forma mais próximo do cotidiano dos mesmos, procurando recuperar a centralidade dos educadores e educados como sujeitos sociais e culturais interessados na finalidade da emancipação de ambos, recorrendo à educação não formal, que esteja centrada na liberdade de expressão e de identidade.

Os educadores sociais devem evitar a destruição do passado, nos apropriando dos mecanismos sociais que vinculam experiências pessoais destas gerações procurando diferenciar-se do “modelo de desenvolvimento que vê o

Brasil apenas como mercado emergente, predominantemente urbano; camponês e indígena são visto como espécie em extinção (KOLLING, 1998, p. 21).

É para esses camponeses que a educação é referência no que se refere a sua formação subjetiva, com a estratégia específica de desenvolvimento do campo, para que o homem do campo tenha condições de permanecer nele com acesso a uma educação de qualidade.

3.1 Propostas da educação: educação básica e as práticas não formais

A educação é um processo de formação de subjetividades, que abrange processos formativos, os quais se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Pautados em Arroyo (1998), é nesta abrangência da formação educacional que os trabalhadores rurais em casos como a educação de jovens e adultos buscam a escolarização, esta sendo vista como um direito social através da ampliação da educação básica, na qual todos os indivíduos devem estudar no mínimo até a conclusão do ensino médio assegurados pelo Estado.

Visando incorporar neste modelo de educação ligado aos grupos culturais do meio rural fixado de acordo com Gohn (2009) as práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares nas organizações sociais, nos movimentos:

E para que ele exerça um papel ativo positivo e interativo ele deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta dos contextos [...] são importantes para divinizar e construir o processo participativo com qualidade (GHON, 2009; p. 33).

Diante disso, estes questionamentos agenciados a partir da troca de experiência, não apenas nas suas comunidades mais em outras, faz com que ambientes pautados em princípios comuns mostrem que as lutas em benefício da

coletividade mexem com as estruturas sociais sem se contentarem com medidas paliativas.

Ghon mostra que o “educador social ajuda a construir com seu trabalho espaços de cidadania no território onde atua (GHON, 2009; p.34)”. Procurando construir para o país, um projeto de desenvolvimento que garanta as condições de formação político-ideológica e técnicas, através de bandeiras claras simples e objetivas.

Desta forma, podemos considerar os educadores sociais como: aliados estratégicos dispostos a contribuir para o desenvolvimento de nosso país. Isto coloca na ordem a proposta de uma educação que, adaptada nos acampamentos e comunidades rurais ligadas ao MPA, se os sujeitos sociais entram em ação conseguindo unificar as suas experiências com a de seus alunos gerando uma força muito maior para a militância e os apoios sociais, essa aliança só é efetuada na proposta de formação política que direciona os militantes entre lideranças e dirigentes.

E que para Ghon (1998), chegar à clareza ideológica possível apenas através da realização do movimento, as propostas educativas internas do MPA, se utilizam da educação não formal.

3.2. Pedagogia do movimento sem-terra: propostas e ações

Programas de formação sobre os direitos humanos, cidadania práticas, identidades, lutas contra desigualdade e exclusão social, as ações desenvolvidas são aliadas destacando-se sujeitos que atuam como educadores nos projetos aqui denominados como educadores sociais (GHON, 2009; p. 28).

São estas práticas não formais que incluem a capacidade dos sujeitos construírem suas histórias através do movimento massivo no processo de tomada de decisões, lutas e negociações envolvidas da construção coletiva da ideologia política como instrumento de formação nas comunidades rurais, Freire (2004).

Do ponto de vista de uma educação que deve coincidir com as experiências do educando, com sua determinação ética podemos perceber neste, um personagem criado dentro das experiências de movimentos sociais, trata-se do educador social que tem o papel de adaptar os dissidentes camponeses e aguçar sua curiosidade. O educador democrático tem na sua abordagem o respeito aos saberes socialmente construídos e aproveita dos descansos do poder político com as áreas rurais para elencar projetos mostrando críticas ao problema, na acepção de Freire (2004):

O professor que realmente ensina que quer dizer que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo [...] pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam medianos objeto ou objetos, sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos (FREIRE, 2004, p.47).

Freire mostra a importância da prática de uma educação crítica, ao “assumir-se como ser social e histórico como pensante comunicante transformador criador realizador de sonhos capaz de ter raiva porque é capaz de amar” (FREIRE, 2004; p.47). E dentro das propostas internas, numa concepção revolucionária estrategicamente, elabora negociações que não possam burlar as identidades culturais.

Seguindo o conceito de Ghon (2009) esta descrição de professor é alçada num sujeito EDUCADOR SOCIAL. Esta educação no campo é uma possibilidade de manutenção dos costumes destes para serem preservados para as futuras gerações.

Segundo Tiod (2007), a própria vida no campo produz a possibilidade de transição social, antes era vista como possibilidade do isolamento das comunidades rurais dentro das suas condições de sobrevivência, a própria palavra zona rural era vista como sinônimo de atrasado. No entanto este trabalho procura uma revisão em sua pronúncia uma semelhança com a criação de coisas novas, nos lembra as plantações e pomares.

E neste texto, tratamos o espaço rural como uma comunidade onde as pessoas constroem teias que os deixam unidos em acontecimentos que lhes são

comuns e rotineiros. Destacamos que, enquanto alguns ainda estão sendo alfabetizados, trazem consigo o conhecimento de uma vida. E o mais importante isto não os torna pessoas arrogantes, estão sensíveis a novos conhecimentos. Embasados na importância que eles mesmos dão a educação, que na maioria dos casos não tiveram tal direito, estamos procurando mostrar que tudo aquilo que aprenderam durante suas vidas pode ser caracterizado como processo educativo, mesmo que fora da escola, num processo conhecido como educação informal.

Se refletirmos que a didática agrupa organicamente os conteúdos da prática educativa escolar, desde a psicologia, sociologia e filosofia, reunindo as tarefas fundamentais ao ensino, entendemos o processo de ensino como um dos ramos que orienta a ação pedagógica. A formação dos alunos no campo aprecia está apta a entender os camponeses:

A educação no campo é indissociável da reflexão sobre a construção de um novo modelo de desenvolvimento de um novo papel no campo neste modelo. Elementos que fortaleçam a identidade e a autonomia das populações no campo. Educação do campo tem uma tarefa central na perspectiva de contribuir com o desafio de repensar e redesenhar o desenvolvimento territorial brasileiro: Educação no campo com desenvolvimento social [...] com cultura, com saúde, com infra-estrutura de transporte de lazer, com cuidado do meio ambiente (CALDART, 2002; p. 39).

Esta é a maneira como o movimento camponês estabelece os padrões de educação que venha a atendê-los, uma seqüência de atividades que possa transcender a escola como instituição formal, passando a agir ainda mais integrada a vida dos camponeses. Buscando atender as suas inquietações e a suas dúvidas, sejam sobre o conhecimento científico ou simplesmente de como preparar uma receita que pensa o ambiente rural, como preparando a melhoria das formas de vida comunitária.

As relações estabelecidas pela aprendizagem que transcendem a escola, na qual mais que um processo educativo, há uma relação de afetividade. Que especificamente neste caso, funcionam em casas, não tem uma sede própria. Sendo parte integrante do projeto de Educação de Jovens e Adultos. Acreditamos

que a maneira como são efetuadas as aulas, aproximam alunos e professor (a), fazendo uma teia de afetos que deixam o ambiente mais familiar.

Os alunos assistem filmes, aprendem receitas, escutam músicas, conversam sobre os temas atuais e aprendizagem de vida, relembram o passado que se somam como práticas de manutenção da cultura. Esta educação manifesta-se como qualquer outra prática educativa, com acréscimos que a tornam mística.

De acordo com a liderança do MPA percebe o Movimento dos Pequenos Agricultores na Paraíba como:

Hoje o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), está atuando em 8 (oito) municípios do Estado da Paraíba, com formação política e atuando na educação no programa Brasil Alfabetização; com (quarenta e duas) turmas em diversos municípios, e eu como um educador popular e militante do MPA vejo o movimento dos pequenos agricultores, como uma entidade de transformação social, lutando por melhorias nas comunidades onde o poder público evita chegar, por isso é cada dia mais motivador lutar pela libertação destas comunidades de pequenos agricultores (*LIDERANÇA, 2011*).

Esta é fala de um educador formado nos padrões da educação que se debruça nas atividades que almejam uma transformação social, direcionando estes alunos a questionar do poder público e os seus direitos, ele busca participar das atividades da administração municipal, buscando entender onde e como são aplicados. E assim passar para seus colegas alunos que é possível participar da organização dos recursos e ter o conhecimento de onde e como são aplicados.

Este professor analisa o movimento dentro da sua vivência como “motivador, como uma entidade que luta pela transformação social”, que tem como base manter o homem no campo com os benefícios sociais que proporcionem uma vida saudável e confortável, com possibilidades para que seus filhos possam crescer e estudar sem perder suas raízes e suas tradições.

Para tanto, ele defende a educação no campo, e uma educação que tenha qualidade, que o docente esteja preparado, atuando na perspectiva da transformação social. Se a sua proposta é uma estratégia de procurar diminuir os

altos índices de analfabetismo, quer desenvolver as comunidades em que atua e como resultado busca a mudança na forma de pensar, propondo um questionamento das decisões públicas que beneficiem a sua comunidade e ou, as decisões que rejeitam ou excluem os cidadãos dentro do município.

A educação popular a partir dos movimentos sociais tem a função de mudar o alto índice de analfabetismo no estado e nas comunidades de pequenos agricultores esquecidos pelos governantes de nosso país que não estão preocupados com o desenvolvimento destas comunidades onde vivem milhares de camponeses. Produzindo alimentos para alimentar a sociedade, porém é muito importante os movimentos, em seus propósitos estar como bandeira de frente a busca da educação destes agricultores, pois o compromisso dos educadores populares além de ensinar e causar a transformação social na educação e na vida de cada camponês; ensinando além de escrever e ler e? Ensinando enfrentar o mundo capitalista e cruel, onde valoriza só quem já estar estruturado e esquecendo os pequenos agricultores que lutam pela sua sobrevivência, produzindo alimentos para abastecer os comércios locais nos grandes centros com produção diversificada. Só vai de fato acontecer uma mudança no campo quando a educação nesta comunidade esquecida deixar de ser um faz de conta, e passar a ser uma educação administrada por quem entende. A realidade de todos os camponeses que em um dado momento da historia foram esquecidos e os movimentos sociais estão lutando, com toda sua organização para estas questões se tornem realidade em nosso estado (RICARDO DOS SANTOS PESSOA, 2011).

Aportamo-nos numa educação que é realizada porque entende as carências e dificuldades das pessoas, pois, no caso deste trabalho, o educador é um membro da comunidade, e ele sabe quais as coisas mais urgentes.

Para a maioria dos movimentos camponeses eles buscam criar (recriar), tentar fazer com que eles reconheçam o seu valor simbólico para a sociedade. Estamos acostumados a escutar a grande contribuição de muitos profissionais como médicos, advogados, professores, este último tem maior importância na estruturação de nosso modelo de manutenção. Mas, pouco se sabe sobre os agricultores que são responsáveis por nossa alimentação, e plantam não apenas feijão, arroz, batatas, banana ou qualquer outra cultura. Eles plantam sonhos de terem conforto no seu ambiente, com seus filhos, inseridos no mesmo contexto. Buscando trazer escolas técnicas com cursos da área dos estudos relativos à agronomia, zootecnia e medicina veterinária. Para que dessa forma, estes alunos,

filhos dos agricultores possam melhorar, modernizar a produção dos nossos alimentos.

Os movimentos sociais vinculados a via campestre, além do MPA (Movimento dos Pequenos agricultores), MST (Movimento dos trabalhadores Rurais sem Terra). CTP; MAB; e outros movimentos sociais vinculados ao campo, tem um papel fundamental em nosso país na educação da transformação, ensinando os camponeses a perceber o seu valor, que foram esquecido e deixado em segundo plano pelos os poderes públicos. Essa educação se torna o elo de transformação de homem e mulher do campo valorizando sua identidade cultural. (PROFESSOR DO MPA, 2011)

Para este educador, não basta ter a sua atuação fechada exclusivamente na formação de cidadãos do campo, buscando ser um amigo, em alguns momentos, um líder comunitário que tem que ser capaz de expressar seus pensamentos a todos, isso no sentido de não se prender a uma política partidária e seguir-la sem questionamento. Utiliza a sua formação política para fiscalizar a atuação dos partidos que procuram beneficiar aos interesses do grupo, ou seja, os seus em conjunto com a sua comunidade.

Qualquer apoio é alcançado após uma negociação, uma avaliação de seus projetos, que dizem respeito aos camponeses e suas tradições passadas de geração em geração através dos laços que constroem o discurso coletivo que constroem a história da comunidade.

Os educadores buscam de uma forma simples e astuciosa mostrar os prazeres de morar no campo, produzindo a caracterização do amor a educação e a comunidade que na maioria dos casos atuam sem remuneração, isso devido à relação afetiva, compromisso e prazer que mostram em ser uma referência para seus alunos.

Ser educador dentro do movimento é ser um líder comunitário, responsável pelo desenvolvimento de cada ser dentro da comunidade, e repassar conhecimento de vida e orientar com formação a conjuntura do sistema em que vivemos [...]Um educador de movimentos sociais pode ser para além de professor é plantar uma semente de liberdade em cada camponês, ensinando a valorizar a sua raiz cultural e resgatando a cultura de sua localidade, com noite cultural, festival de comida típica, com receita passada de geração em geração. Porém o compromisso com a comunidade é tão forte que educamos sem remuneração, só para ter o

prazer de permanecer no campo, produzindo alimentos e aprendendo a valorizar o meio em que vivemos (PROFESSOR DO MPA, 2011)

O depoimento acima citado mostra como é significativo o sentimento que une os alunos ao educador, e a sua percepção sobre sua localidade e condições sociais. A partir disso, construir os projetos, além de educador é um amigo que está buscando trazer a leitura e a escrita para esses homens.

Para ter conhecimento em literatura e formação social [...], garantir espaço nas comunidades onde a educação faz de conta [...], não motiva aos camponeses a ter formação. Uma das alegações em manter os camponeses sem conhecimentos da literatura e da escrita, como se estes fossem ser mantidos distantes dos acontecimentos que compõem a sociedade. Esta educação que é considerada diante da proposta da educação informal, que está além da educação tradicional.

Portanto, quando questionado sobre maneira da realização de uma aula que possa ser conceituada como construída dentro de uma postura social, pois:

As aulas têm que ser além de ensinar a ler e escrever, e sim preparar o cidadão para enfrentar o mundo capitalista que nos enquanto sociedade estamos inseridos e para isso temos que usar matérias que cada educando se sinta bem, no local onde está trocando experiência com o educador; e usar técnica motivadora como resgate da cultura de utilizar a natureza como uma equivalência as farmácias, são portanto plantas medicinais que funcionam como uma farmácia viva; ensinando a conhecer melhor o valor medicinais, com cada planta analisadas ou estudada e ensinar, a produzir receita caseira[...]Para ser produzida em casa para melhores aproveitamentos dos alimentos. É usar filme retratando o meio ambiente e o sistema em que vive para motivar o discurso em coletivo, o uso de música que valoriza a cultura local, e produzir cordéis que através destes possamos direcionar uma compreensão e um proporcionar uma releitura e uma re (leitura) seu entendimento dos vícios de linguagem que são frequentemente utilizados por eles, para assim valorizar o conhecimento de cada um dos camponeses que procuraram conhecimento e formação no cotidiano, essa é a luta e compromisso de um educador popular.(PROFESSOR DO MPA, 2011)

Esta educação procura valorizar a experiência dos aspectos que os identificam como camponeses e valorizam a sua relação com a natureza, como a

utilização das plantas como remédios alternativos, valorizar as receitas caseiras e também as músicas que constituem o seu cotidiano.

Uma escola que esteja pronta a atender os indivíduos camponeses tem que ser pública e de qualidade, com o apoio de políticas públicas que se comprometam como instituições formadoras, que possam revisar paradigmas que não seja um lugar que apenas produz mercadorias. E na vontade de mudança pensamos, de acordo com Grzybowski apud Periopoli:

A educação da sua determinação, isto é, das contradições sociais que delimitam as possibilidades e limites da produção e sistematização, apropriação e difusão do saber pelas diferentes classes sociais, mas diferentes conjunturas de correlação de suas respectivas forças sociais. (PERIOPOLI, 2011, p. 4).

De acordo com Periopoli (2011) podemos perceber na educação um espaço de sistematização dos saberes, tais como os que os adquiridos dentro da sua vivência com o campo, com as plantas medicinais, com forma como os seus avós se recordavam de uma determinada brincadeira que existia antes na comunidade, a forma como eram tratados os trabalhadores da usina da qual moram no mesmo local onde funcionava em alguns casos a tirania, como os que desobedeciam, e mão amiga com os que ficam doentes em algumas localidades, são as situações que também podem ser pauta de aprendizado dentro do ambiente escolar, pois, para estes alunos isto diz respeito sobre eles, ou seja, é do interesse dos mesmos, então funciona como o ponto de união atenção levando talvez até busca da memória coletiva através da sala de aula.

Considerações Finais

Através deste estudo, transmitimos um pouco do universo da educação informal, realizada dentro do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) na comunidade do distrito Santa Maria Areia-PB. Visto que a maioria é composta por uma nova tendência de fazer movimentos sociais, que busca na educação uma forma de emancipação humana. Desta forma, entendemos um pouco do universo interno no campo e como se refletem as identidades e as suas perspectivas no que se refere à educação.

O reconhecimento histórico da educação não formal é mais que necessário para o entendimento da contemporaneidade, juntamente com novas perspectivas globais que trazem modernização das condições do homem e da mulher do campo, lançam para os menos favorecidos, quando lhes proporciona, que as tendências que lhes excluíram da educação na sua infância, podem avançar no debate social e atingem também a questão da falta de assistência social.

Ampla parte dos moradores da zona rural há algumas décadas não tinham acesso à educação, e ainda assim se constituem hoje como sujeitos que dispostos a aprender mesmo com a idade avançada, daí o interesse ser maior, é como se o professor pudesse oferecer todas as oportunidades que lhes faltaram, frutos das desigualdades latentes em nosso país. Que empenhados numa educação que fala dos seus direitos e deveres, recriam, modificam e reestruturam as formas de relacionamentos como meio de sobrevivência no campo de forma equilibrada.

Além do que pretendemos evidenciar nosso lugar social, instigada pela forma como o homem do campo e os movimentos camponeses são tratados pelo governo e sua política assistencialista, também não posso ficar omissa em relação aos acontecimentos internos que não são representados nos diversos setores da sociedade.

Contudo entendemos que esse é um debate acadêmico que traz uma compreensão de uma maneira de educar mais humanizada que busca intervir na vida dos educados, debatendo as suas melhorias. Pois, este é um dos inúmeros pontos de estruturação do MPA, comum em outros movimentos sociais, que atendem ao homem do campo, considerando as limitações dos que não tiveram oportunidade de estudar, que lutam para que seus filhos sejam homens e mulheres do campo e que tenham conhecimento científico de acordo com a manutenção de suas terras e plantações, estejam nas escolas, universidades, escolas técnicas, que possam aprender e sejam propagadores da cultura do campo, como esta sendo a mesma que a humanidade já passou e que mesmo com a industrialização e modernização tudo isso possa ser introduzido e apresentado a nossa no mundo rural, em alguns momentos estes também podem compartilhar de toda a modernidade sem abandonar o seu lugar de origem.

Este trabalho mostrou a importância da atuação de uma educação que está preocupada com o indivíduo, e que existe para que a população possa vir a conhecer-se nessa busca pelos direitos dos cidadãos, que é o direito à terra para produzir e alimentar sua família. Por isso, pretendemos também apresentar este trabalho a outras camadas da academia dada a importância que o debate sobre a educação elenca em nosso estudo.

Assim, o presente trabalho para além do debate que propõe a academia, perceber o equilíbrio social econômico e político, de forma que o campo não possa ser o lugar de isolamento, que ele seja um lugar com ótimas condições dentro das necessidades que compõem a comunidade, é relevante devido à forma como procura despertar interesse aos olhos dos contemporâneos da academia.

Para que possamos como educadores (as) para tornar visível os produzem esses debates escolares para ampliarem a proposta da educação no campo, dentro das comunidades que já conseguiram este direito , mais continuam lutando por melhoras na infra estrutura e incentivos para manterem esses trabalhadores no campo, com condições de vida suficiente para sustentarem suas famílias, seus filhos, esposas e agregados, dos que consomem seus produtos e

também dos que os educam, expandindo suas idéias em suas mentes e que possivelmente serão realizados, se não por eles, mas, por seus filhos que são frutos de suas lutas pela vida.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Gervasio Batista. **“Provas e possibilidade” à luz de um experimento historiográfico”: diálogo com Thompson.** Arius, vol. 8.1996-1997.CH-UFPB.

ARROIO, M.G. CALDART, R.S. MOLINA, M.C. (org.) **Por uma educação no campo.** 2 ed. Petrópolis:vozes,1998.

ALENCAR, Expedito Ramalho de. **Recordando areia.** In _____ Revista do IHGP, nº30. a união. p. 239-242.1998.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: texto em historia oral / Verena Alberti.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAVIN, Adriana. **Tessituras do Presente: Mídia, Memória e Identidade.** INTERCOM, Porto Alegre, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Experiência e Cultura: contribuição de E.P.Thompson para uma historia social da escolarização.** Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1. p.10-24. jan/jun 2009.

BURKE. Peter. **A Escrita da historia: novas perspectivas / (Org.);** Tradução de Magda Lopes – São Paulo: Editora da UNESP. 1992.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 3. ed.São Paulo : Expressão popular, 2004.

CARVALHO, Durte. SENS, Aline. LOVATO, Paulo E. **Escola do campo: permeando caminhos da educação, saúde e agricultura,** Centro de Ciências da Educação, da editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História;** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** 13. ed. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

FIOD, Edna Garcia Maciel. **Educação do campo e transição social.** UFSC: julho, 2007.

FONTES, Paulo. **Classe e Linguagem: Notas Sobre o Debate em Torno de Languages of Class de Stedman Jones.** UNICAMP. In _____ Revista de História – FFLCH-USP, 1999.

FORTES, Alexandre. **O Direito no Obra de E.P Thompson;** In: _____ Revista História Social. Campinas: UNICAMP 1995. p. 89 -111.

FORTES, Alexandre. **“Miríades por toda a eternidade”:** A atualidade de E.P Thompson. In: _____ Revista Historia Social, UFRJ, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Formação Docente: Contribuições do Ideário de Paulo Freire. In _____ Janime Marta Coelho Rodrigues (Org.) João Pessoa: Sal da Terra. 2006.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativo do terceiro setor.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: _____ Silva, Tomaz Tadeu da (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Educação não-formal/Maria da Gloria Gohn; educador (a) social e projetos sociais de inclusão social.** Meta: Avaliação/Rio de Janeiro, v.1, n.1. p. 28-43, jan./abr. 2009.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistências.** José Octávio de Arruda Mello. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2001.

NETO, Martinho Guedes dos Santos. **Histórias Ensinada: linguagens e abordagens para a sala de aula.** João Pessoa: Idéia, 2008.

PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas,** São Paulo: Contexto, 2005.

MUNHOZ, Sidnei. **Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos.** Programa de Pós-Graduação em Historia da USP, em 1994. IN: Revista de Historia Regional 2. ed. 153-185,1997.

MULLER, Ricardo Gaspar. **Exterminismo e a política como teatro em E.P.Thompson:** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de Historia: Poder, Violencia e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

MULLER, Ricardo Gaspar. **Razão e Utopia: Thompson e a Historia.** Diálogos, DH/UEM, v. 6. P. 231-235, 2002.

SANTOS, Conceição Cristina Pereira dos. Gonçalves, CONCEIÇÃO, Francisca Paulina da. **ROMPENDO PARADIGMAS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO: fazendo uma educação do campo nas turmas de jovens e adultos.** Artigo apresentado 1º Encontro de Práticas Educativas no campo da Paraíba. UFPB-PB.2011.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A contribuição de E.P.Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho.** In: _____ Educação Usinos,

VITORINO, Artur José Renda. **Notas Sobre a Teoria da Formação de Classe de E.P.Thompson.** Historia Social. Campus - SP. nº4/5.157-173.1997/1998.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza MOURA, Eliana P.G. **Educação não escolar, universidades e educação popular: horizonte de novos desafios.** In: _____
Educação Unisinos. 125-134, maio/agosto. 2009.

Anexos





Apêndices

NOME:
IDADE:
ESTADO CIVIL:
ENDEREÇO:

GENÊRO:

- 1-Como você percebe a proposta da educação trabalhada dentro da sua comunidade?
- 2- Como você percebe o movimento dos sem terra? E suas propostas para a educação?
- 3- Para você dentro da sua perspectiva de vida, qual é a proposta de freqüentar as escolas?
- 4- A educação para você trás uma proposta ideológica, que pensa a todos igualmente na sua comunidade?
- 5- Para você a sua educação trouxe alguma mudança na sua visão política?
- 6- Para você a sua educação trouxe alguma mudança na sua visão sobre os direitos humanos?
- 7- Para você a sua educação trouxe alguma mudança na sua visão sobre os direitos humanos?
- 8- De acordo com a sua experiência de vida, como você percebe a terra em como lugar que produz vida?
- 9- Teve oportunidade de estudar durante a sua infância? Se não justifique?

Questionário Líder:

1. Qual é a proposta do MPA para a luta dos trabalhadores rurais e as questões da educação?
2. Como se deu o surgimento do MPA na Paraíba?
3. Qual a relação do movimento em contribuição com as propostas do MST?
4. Como você vê a questão da educação e dos direitos humanos na proposta do movimento?
5. Para você o que significa ser do MPA ?
6. Como você vê as questões da luta pela terra e dos assentamentos a partir das propostas do MPA?

Questionário professor

1. Como você vê o MPA na Paraíba?
2. Fale sobre a sua perspectiva de educação a partir do movimento?
3. Você acredita que o MST e o MPA enquanto movimentos sociais educam não formalmente, do ponto de vista da luta pela terra e os direitos sociais?
4. Para você o que é ser educador dentro do movimento?
5. Quais as perspectivas de educação do MPA em relação à comunidade?
- 0- Que tipo de materiais e discussões você empreendeu em suas aulas?